

“QUANDO A MÁQUINA NÃO DÁ MAIS...”

**UM ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE MASCULINIDADE, MEMÓRIA E
SOCIALIDADE NA REGIÃO PAMPEANA DO RIO GRANDE DO SUL**

LIZA BILHALVA MARTINS DA SILVA¹; FLÁVIA MARIA SILVA RIETH²

¹Universidade Federal de Pelotas- lizabms@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – riethuf@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa tem como objetivo o estudo do caráter temporal da experiência humana e suas repercussões nas práticas e saberes que homens campeiros da região pampeana tecem em suas relações com o campo e a cidade quando afastados da lida e impulsionados para o universo urbano, a fim de se restabelecerem na continuidade da dinâmica social sem perder os atributos ontológicos necessários à construção de suas identidades.

O trabalho exercido pelo homem campeiro traduz-se em criar, manejar e reproduzir rebanhos de gado ovino, equino e bovino, realizado através de diferentes ofícios tidos como especialidades de determinados trabalhadores, tais como esquiladores, domadores, tropeiros, alambradores, posteiros, caseiros, capatazes, peões, guasqueiros, entre outros trabalhos relacionados à pecuária.

Estudos etnográficos e a literatura regional referem-se à “lida campeira” exercida nas fazendas da região pampeana¹ como o lugar de construção da masculinidade entre campeiros (LEAL, 1992; GÜIRALDES, 1997) e o “rompimento” com este mundo do trabalho ocasionado pelo desgaste físico, traz à tona o laço mais forte entre gaúcho e a vida campeira, numa operação do pensamento que constrói, abandona e perpetua esse modo de vida (KOSBY, 2011).

2. MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa adota o uso do método etnográfico, no intuito de “*apreender o ponto de vista do nativo*”, expresso nas suas narrativas e práticas. Apreender o ponto de vista do nativo, seu relacionamento com a vida, sua visão de seu mundo seria, a premissa necessária à relativização dos dados etnográficos. (MALINOWSKI, 1984)

Os sujeitos interlocutores desta pesquisa são homens campeiros da região pampeana ligados à atividade pecuarista que, no tempo presente, encontram-se no universo urbano em razão da perda das capacidades físicas necessárias à atividade produtiva da pecuária.

A metodologia empregada abarca observação participante em locais frequentados atualmente pelos sujeitos da pesquisa, bem como observação da “lida”

¹ O pampa é o espaço de terra que compreende o extremo sul do Rio Grande do Sul, parte da Argentina e do Uruguay, caracterizado principalmente pela estética da vastidão e amplidão (Kosby, 2011).

e da “vida” campeira nas fazendas da região pampeana a fim de poder acessar o vivido por esses homens na sua forma mais cotidiana.

Priorizam-se também entrevistas de forma a promover, através das narrativas, o reconhecimento da força interpretativa da memória, da socialidade e da condição de gênero como espaços de construção do conhecimento, ou seja, tomar as referências de tempos vividos e ordenados na experiência ordinária dos atores sociais como forma de atribuir significação aos seus atos e pensamentos. (Eckert & Rocha, 2010).

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A etnografia tem revelado que embora seja descrito como árduo, perigoso, insalubre, esse modo de vida campeira parece trazer, nessas mesmas agruras, os atributos ontológicos necessários à construção desses homens como sujeitos masculinos, à manutenção de sua existência.

A força física despendida na relação entre homens e animais acarreta com o passar do tempo, uma debilitação física que ultrapassa os limites do corpo humano, ocasionando a invalidez desses sujeitos para as atividades que desempenhavam, ou no mínimo, a condição necessária para exercê-la de forma rotineira.

As restrições para o trabalho vão evoluindo à medida que a força e o desgaste não cessam, sendo o *deadline* a impossibilidade física de montar ou permanecer montado a cavalo.

Me operei, o doutor me tirou o cavalo, me tirou todo o serviço, não posso fazer mais nada, nem varrer a casa eu não posso fazer, a máquina não dá mais. (MOCINHO – interlocutor da pesquisa - Arroio Grande)

Surge neste momento, frente à impossibilidade de se manter no campo, seja por questões trabalhistas e/ou previdenciárias, seja por exigência de cuidados médicos e familiares, o fluxo para a cidade.

Os que ainda montam a cavalo, mas não podem fazer esforço repetitivo, se sentem em vantagem quanto aos que estão impedidos de montar, embora ambos estejam residindo no universo urbano.

Esta vantagem parece ter múltiplos significados. Estar em relação com o cavalo, ainda que num espaço restrito e na cidade, parece evocar o espírito dominador do homem sobre o animal e as experiências da liberdade do andarilho - espírito livre de circulação, trazendo a ideia de “eu posso ainda montar e sair andando”, não ficando restrito aos muros da cidade e mantendo-os, de certa forma, afastados “das casas”, lugar do feminino.

Eu hoje não domo nem cachorro, mas graças a Deus monto no cavalo. Eu tenho cavalo meu lá na Lata (Vilarejo entre Brasil e Uruguai). Um cavalo bom. A vida a gente não pode deixar, como caminhar, se você aprendeu a caminhar, tem que ir andando. (FERNANDO – interlocutor da pesquisa - Aceguá Brasil).

Essas apreensões, ainda que simbólicas, uma vez que esses homens não estão no campo e sim na cidade, são necessárias à existência enquanto sujeitos masculinos e os ligam diretamente à imagem deste gaúcho histórico *Centauro do Pampa*, aquele que anda sem rumo, olhando na linha do horizonte.

Entretanto, o cavalo aparece em todas as narrativas como elo entre homem e vida campeira, e quando chega a hora do afastamento com o animal, ao contrário de romper com o que lhes faz vivos, faz surgir de forma criativa outras estratégias que evidenciam uma comunicação entre passado e presente, cosmo e sociedade, indivíduo e grupo social, e entre história, memória e experiência.

Quando não pude mais montar o cavalo eu parei e comecei a fazer uma homenagem ao estribo, fui montando um pequeno acervo sobre a parte campeira. Porque eu me criei no campo, meu pai era campeiro, meu avô era do campo, a descendência toda era campeira, então a gente guarda aquilo. A gente fica velho e essa lembrança agrada são as raízes da gente. (NERI – interlocutor da pesquisa - Arroio Grande)

Atividades desempenhadas no tempo presente por alguns interlocutores, tais como artesanato em couro (guasca), coleção de artefatos campeiros (mini museu), composição musical e poética, dança, hospedaria de cavalos, escrita de memórias, etc., nos faz pensar que não cabe falar em rupturas ou fraturas neste universo campeiro, e sim em transformações no trabalho e em suas relações. A memória coletiva aparece como uma referência essencial para a reatualização das identidades destes sujeitos a partir de práticas tradicionais exercidas em ambientes marcados pela modernidade. Figuram práticas, reinventam saberes, “ação imaginante” de durar nos jogos da memória coletiva. (ECKERT, 2012).

Quem sempre trabalhou não pode parar. Se para é um desastre. Não é? Então a gente vive inventando, vive inventando isso e inventando outra coisa, inventando qualquer coisa aí. E às vezes pode ser que eu invente alguma coisa que preste. (NERI – interlocutor da pesquisa - Arroio Grande)

Conforme a pesquisa se desenvolve outros elementos culturais vão aparecendo como signos mantidos desta identidade masculina e gaúcha na arte de fazer a invenção do cotidiano, tais como o *fogo* e a sociabilidade que este desencadeia (a roda na volta do fogo); a *porta aberta das casas* evidenciando o espírito de liberdade; o *despertar na madrugada* e *tomar o chimarrão*, como práticas do trabalho no campo, e a *indumentária do gaúcho* como sinal diacrítico da identidade gaúcha.

Tais elementos evidenciam a conexão entre campo e cidade, passado e presente, onde a ressonância nos leva aos significados dos fatos para além da atividade consciente e deliberada do indivíduo ou grupo.

4. CONCLUSÕES

Na tentativa de ampliar a discussão acerca da dimensão da masculinidade, memória e socialidade presentes neste contexto cultural é que a pesquisa caminha, de forma a demonstrar que os objetos, práticas e saberes, enquanto suportes de memória parecem revelar ao mesmo tempo o caráter dinâmico da cultura e, portanto, sua reinvenção (Wagner, 2010) fazendo com que os atores sociais se restabeleçam numa dinâmica social *outra* onde a construção e a sensação de continuidade seja possível.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CONNEL, Robert W. Políticas da Masculinidade. In: **Educação e Realidade**. 20(2): 185 – 206, julho/dezembro, 1995.

DA SILVA, Liza Bilhalva Martins. Masculinidade, corpo e velhice na região pampeana do Rio Grande do Sul. In: **XX CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPel**. Anais de Congresso. Pelotas, 2011.

ECKERT, Cornelia, ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **O tempo e a cidade**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2005.

ECKERT, Cornelia. Memória Coletiva e Identidade Narrativa. In: **Memória, patrimônio e tradição**. Pelotas, EDUFPEL, 2010.

_____. **Memória e Trabalho: Etnografia da duração de uma comunidade de mineiros de carvão (La Grand-Combe, França)**. 1. Ed. – Curitiba: Appris, 2012.

GÜIRALDES, Ricardo. **Dom Segundo Sombra**. Porto Alegre. L&PM, 1997.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

KOSBY, Marília. **“O Açude”**: A paisagem e os sujeitos pampeanos. Texto inédito, 2011. Ensaio apresentado ao Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Letras UFPEL. Disciplina Literatura e Fronteiras Culturais.

_____. **Piedra y Camino: O pensamento nômade na invenção da cultura do gaúcho**. Texto inédito, 2011. Artigo apresentado ao Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Letras UFPEL. Disciplina Literatura e Fronteiras Culturais.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis, RJ:Vozes,2011.

LEAL, Ondina. **Honra, morte e masculinidades na cultura gaúcha**. In: Antropologia do Corpo e da Saúde I. Cadernos de Antropologia. N5. 1992.

_____. **The gauchos: male culture and identity in the Pampas**. Berkeley: University of Califórnia, 1989.

_____. **Do etnografado ao etnografável: “O Sul” como área cultural**. In: Horizontes Antropológicos. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ano 3, n. 7, p. XXX, Nov. de 1997.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia**. 3. Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MEAD, Margaret. **Sexo e Temperamento**. SP, Editora Perspectiva, 1972.

NUNES, Rojane Brum. **“A ‘Boca’, a ‘Esquina’ e o ‘Recanto’: sociabilidade, cotidiano e memória entre aposentados habitués do Centro de Santa Maria, RS, Brasil”**. Porto Alegre: Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, PPGAS/UFRGS (Dissertação de Mestrado), 2010.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Vol.I. São Paulo, Papiros, 1994.

RIETH, Flávia; KOSBY, Marília Floôr et al. **INRC – Bagé/RS: Inventário do sistema da pecuária no sul do Rio Grande do Sul**. Anais da IX Reunião de Antropologia do Mercosul, GT "Famílias, Afetos e Patrimônio". Curitiba, 2011.

STRATHERN, Marilyn. **O Gênero da Dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.